

O ANTROPOCENO E A MODERNIDADE: UMA REFLEXÃO SOBRE O COLAPSO SINDÊMICO

THE ANTHROPOCENE AND MODERNITY: A REFLECTION ON SYNDEMIC COLLAPSE

EL ANTROPOCENO Y LA MODERNIDAD: UNA REFLEXIÓN SOBRE EL COLAPSO SINDRÓMICO

Larisse Medeiros Gonçalves¹ 

Luana Santos dos Santos² 

Hieda Maria Pagliosa Corona³ 

Wilson Itamar Godoy⁴ 

Submissão: 01/05/2022 / Aceito: 11/10/2022 / Publicado: 08/04/2023

RESUMO

O objetivo desse ensaio teórico é de contribuir no diálogo interdisciplinar sobre a relação multifacetada da sindemia - construindo uma análise entre a mesma e o tecer das inter-relações dos coletivos sociedade-natureza, com ênfase no colapso sindêmico do Coronavírus (SARS-CoV-2). Foi realizada uma revisão bibliográfica, com o intuito de traçar um alinhamento de ideias de autores que nos ajudam a visualizar o debate da relação humanos e não humanos, com enfoque nas respostas ambientais da modernidade. O artigo foi dividido em duas seções, sendo que a primeira apresenta algumas reflexões sobre como chegamos até esse colapso e a segunda traça uma jornada em fundamentos que fogem aos enunciados da modernidade, a fim de nos reconectar com as possíveis respostas que procuramos para a construção de panoramas salubres dos coletivos da sociedade-natureza. As reflexões apontam a necessidade urgente para revermos nosso lugar como sujeitos, para assim, evitarmos outras sindemias e problemas sistêmicos. Desprender-se dos resquícios da modernidade é fundamental para o retorno a uma segurança, revendo todos os funcionamentos: científicos, políticos, religiosos, interpessoais, entre outros.

Palavras-chave: COVID-19; Pandemia; Meio Ambiente; Humanos e Não Humanos.

ABSTRACT

The objective of this theoretical essay is to contribute to the interdisciplinary dialogue about the multifaceted relationship of the syndemic - building an analysis between it and the weaving of the interrelationships of society-nature collectives, with emphasis on the syndemic collapse of the Coronavirus (SARS-CoV-2). A literature review was conducted to trace an alignment of the ideas of authors who help us visualize the debate on the relationship between humans and non-humans, with a focus on the environmental responses of modernity. The article was divided into two parts, the first is a reflection on how we arrived at this collapse and the second part traces a journey in fundamentals that escape from the statements of modernity, to reconnect us with the possible

¹Mestra em Agronomia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. larisse@alunos.utfpr.edu.br.

²Mestra em Agronomia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. luana.1995@alunos.utfpr.edu.br.

³Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. hiedacorona@hotmail.com.

⁴Doutor em Agronomia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. godoyutfpr@gmail.com.



answers we seek for the construction of salubrious panoramas of society-nature collectives. The reflections point out that there is an urgent need to review our place as subjects, to avoid other syndemics and systemic problems. Letting go of the remnants of modernity is fundamental for the return to security, reviewing all the functions: scientific, political, religious, and interpersonal, among others.

Keywords: COVID-19; Pandemic; Environment; Humans and Non-Humans.

RESUMEN

El objetivo de este ensayo teórico es contribuir al diálogo interdisciplinario sobre la relación multifacética de la sindemia - construyendo un análisis entre ella y el tejido de las interrelaciones de los colectivos sociedad-naturaleza, con énfasis en el colapso sindémico del Coronavirus (SARS-CoV-2). Se realizó una revisión bibliográfica para trazar una alineación de las ideas de autores que nos ayudan a visualizar el debate sobre la relación entre humanos y no humanos, con un enfoque en las respuestas ambientales de la modernidad. El artículo se dividió en dos partes, la primera es una reflexión sobre cómo hemos llegado hasta este colapso y la segunda parte traza un recorrido en fundamentos que escapan de los enunciados de la modernidad, para reconectarnos con las posibles respuestas que buscamos para la construcción de panoramas salubres de los colectivos de la sociedad-naturaleza. Las reflexiones apuntan a que es urgente revisar nuestro lugar como sujetos para evitar otros síndromes y problemas sistémicos. Desprenderse de los restos de la modernidad es fundamental para el retorno a la seguridad, revisando todas las funciones: científicas, políticas, religiosas, interpersonales, entre otras.

Palabras chave: COVID-19; Pandemia; Medio ambiente; Humanos y no humanos.

INTRODUÇÃO

O coronavírus (COVID-19) teve uma ação rápida no planeta, isso porque suas formas de contágio são aceleradas, sua transmissão costuma ter ocorrência pelo contato direto das pessoas ou pelo ar. Seu alastramento causou pânico e insegurança na sociedade, no entanto, tal circunstância não ocorreu de maneira abrupta, pois a biosfera já vinha dando avisos – através de vários sinais e alertas que se direcionavam para um colapso.

Que indícios são esses? De forma simples e sucinta, são os sinais da modernidade, ecoando sob as diversas esferas as suas consequências, trazendo o discernimento do quão inerentes são as ações do ser humano para com os danos com os coletivos; do quanto usamos e abusamos dos recursos naturais de forma predatória. A consciência de que uma hora ou outra, tais processos seguiriam uma estrada íngreme, com dificuldades para retorno, nos ajuda a construir uma narrativa para melhor visualização sobre nossos passos, como coletivos.

A disseminação, pelo desequilíbrio da COVID-19, tornando-a um vilão dos entraves atuais, não pode ser analisada de uma lógica linear, mas sim compreendendo sobre o quão indissociáveis são os coletivos sociedade-natureza. Essa afirmativa apresenta-se frente à seguinte



premissa: todas as interações que ocorrem no Globo Terrestre são complexas e seus funcionamentos estão conectados, sendo assim, o desequilíbrio de um subsistema causa instabilidade no total. O tecer das inter-relações dessa nova fase, que abrangem os sistemas ambientais, sociais e econômicos não pode ser compreendido apenas pelo reducionismo científico e pela especialização de pensamentos.

Deve-se avaliar como a crise sindêmica está ligada a questões da urgência em fomentar e acelerar o estabelecimento da sustentabilidade, a partir das lições que ela está dispondo, no agora, para garantir qualidade de vida para todos, no futuro. Destaca-se que o termo sindemia foi cunhado por Merrill Singer, na década de 90, para explicar a circunstância em que “duas ou mais doenças interagem de tal forma que causam danos maiores do que a mera soma dessas duas doenças”.

As sindemias envolvem a interação adversa de doenças de todos os tipos (por exemplo, infecções, doenças crônicas não transmissíveis, problemas de saúde mental, condições comportamentais, exposição tóxica e desnutrição). É mais provável que surjam em condições de desigualdade de saúde causada pela pobreza, estigmatização, estresse ou violência estrutural devido ao papel desses fatores no agrupamento e exposição de doenças e no aumento da vulnerabilidade física e comportamental (SINGER, 2017, p. 941).

Perante tal contextualização, o principal objetivo do artigo consiste em contribuir no diálogo interdisciplinar sobre a relação multifacetada da sindemia- construindo uma análise entre a mesma e o tecer das inter-relações dos coletivos da sociedade-natureza. Em relação ao uso do termo interdisciplinar, é fundamental esclarecer que o concebemos, aqui, a partir da ótica de uma ancoragem de diálogos entre várias disciplinas (CORONA et al., 2021; DE MELO; AMORIM, 2022).

Em vista disso, o presente texto organiza-se em três seções, além desta Introdução, a saber: na segunda seção, refletimos sobre como chegamos até esse colapso, buscando o entendimento das bases que alicerçam a problemática; na terceira seção, buscamos amparo em fundamentos que fujam dos enunciados da modernidade, a fim de nos reconectar com as possíveis respostas que procuramos para a construção de panoramas salubres dos coletivos da sociedade-natureza e, por último, algumas considerações sobre e reflexões.

COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI? REVERBERANDO SOBRE AS RAÍZES DA PROBLEMÁTICA

“Para bem conduzir a razão e procurar a verdade nas ciências” é a premissa com que Descartes (2001, p.5) inicia a obra “Discurso do Método”, questionando essa racionalidade que iniciou esta seção. Para melhores conexões do que se propõe, é essencial nos debruçarmos sobre alguns aspectos fundamentais, como os pensamentos da racionalidade como verdade única, defendida do Rene Descartes (2001). O autor afirma que a razão ou senso é o único elemento capaz de nos diferenciar dos animais, em tais reflexões, ele aborda acreditando que esse é um benefício à humanidade, no sentido de esperanças boas e de progresso ao futuro. Mas, será que Descartes estava certo?

Em partes, houve um grande avanço das ciências a partir dos séculos XV e XVI, especialmente no meio matemático, em que vários cientistas prosseguiram em descobertas por meios numéricos. Entretanto, Descartes (2001) descreve que este desenvolvimento de experiências com a matemática poderia desvendar os segredos da natureza, apoiado na ideia o ser humano poderia ter o domínio sobre a natureza. Esse fio condutor de raciocínios, pode contribuiu para a presunção humana de que exercia um claro controle de tudo que existe na biosfera.

Os pensamentos de Descartes nos levaram a uma totalização sobre o que era considerado verdade, por muito tempo. O seu método, segmentado em quatro pontos, tornou-se base para formar caminhos até o inexplicável:

A) nunca aceitar coisa alguma como verdadeira sem que a conhecesse evidentemente como tal (...) e que não tivesse em nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida; B) dividir cada uma das dificuldades que examinasse em tantas parcelas quantas fosse possível e necessário para melhor resolvê-las; C) Conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer e D) Fazer em tudo enumerações tão completas, e revisões tão gerais, que eu tivesse certeza de nada omitir. (DESCARTES, 2001, p. 23).

Destaca-se aqui, que essa fragmentação do conhecimento, com diversas especializações – decorrente do pensamento cartesiano, é fundamental para assimilar, minimamente, como chegamos até aqui (colapso). A ciência simplificadora, que desvaloriza os processos complexos, elencou “sucessos” na modernidade, em que foram firmados no desligamento do homem à definição de natureza, com um ar de superioridade.

Essa expansão da propriedade intelectual do homem conduziu-o a uma prepotência perigosa, como a firmeza em elencar resoluções através da ciência, deslegitimando as forças da natureza e os outros saberes sobre ela. Ademais, estes percursos também viabilizaram a persuasão



de que os recursos naturais eram inesgotáveis, sustentava-se que assim como as máquinas, existia uma razão lógica-mecanizada por trás do funcionamento da natureza.

E, foi assim que, a partir da Revolução Industrial - amparada pelo capitalismo aniquilador - o Globo terrestre vem dando feedbacks preocupantes (desequilíbrios, alterações climáticas, epidemias, pandemias, fome, pobreza...). Essa confiança no avançar do tecnicismo, no fatiar do conhecimento e de todas as relações, foram artifícios inquestionáveis para a modernidade achar que poderia lidar com qualquer problema que fosse surgir no percurso (RAYNAUT, 2006). É o crescimento econômico, a qualquer preço, sobrepondo-se à natureza.

Bertagnolli (2016) enfatiza a importância em se romper a dicotomia entre tradição e modernidade, em especial, quanto à desqualificação dos saberes tradicionais. A autora salienta que tal postura compromete a relação entre os coletivos. Diante disso, urge um despertar para desfragmentar a hegemonia dessa mesma modernidade.

No entender de Raynaud “Pouco a pouco, tornou-se mais e mais evidente que um modelo econômico baseado num princípio de crescimento constante da produção começava a alcançar seus limites de validade” (RAYNAUT, 2006, p.5). Além disso, exemplificando, o autor afirma que nossas ações poderiam alcançar, como um efeito dominó, consequências desvinculadas pelo tempo espaço:

Um processo de produção pode ter como consequência, ao final de uma longa cadeia ecológica, uma diminuição dos recursos explorados por uma outra atividade produtiva: poluições despejadas nos rios por atividades industriais ou agrícolas podem provocar, a centenas de quilômetros de distância, uma queda dramática dos recursos disponíveis pela pesca marítima (RAYNAUT, 2006, p.6).

Descortinando tais noções, é mais acessível entendermos que as relações entre os coletivos sociedade-natureza não podem ser fatiadas para serem deduzidos-compreendidos. No fundo, Descartes também tinha noção que poderia estar equivocado, ao expressar no próprio discurso do método: “Todavia, pode ser que me engane e talvez não passe de um pouco de cobre e de vidro o que tomo por ouro e diamantes” (DESCARTES, 2001, p.7).

O que estamos passando hoje, que mais parece um filme apocalíptico, acaba nos conduzindo a observar com mais clareza que Descartes pode ter trocado ouro e diamantes por cobre e vidro. Pois, estamos compelidos em uma implosão dos alicerces da ciência moderna e seus desdobramentos no idealizado progresso.



E, foi nessa inquietação de quebra da unificação da ciência cartesiana e suas consequências que Latour (1994) vem nominar os “coletivos” como proposta de reconfigurar as relações, fugindo dos termos corriqueiros 'sociedade' e 'natureza', vistos como uma dissociação evidente.

Para conectarmos tais abordagens, é importante levantarmos algumas hipóteses, que não precisam ser aceitas e negadas na conclusão desse manuscrito, mas sim, que podem nos ajudar na provocação e no abrir de caminhos alternativos para que possamos estar unidos para exercitar a análise. Quais seriam esses pressupostos que motivaram a atual pandemia? O comportamento dos humanos, podem resultar no surgimento de doenças? As alterações dos padrões climáticos, afetam nas disseminações de doenças, patógenos e pragas? Pandemias são problemas apenas de cunho sanitário? Como chegamos até aqui?

Partindo das mesmas aflições epistêmicas, Latour (2014, p.12) discorre que “Somos forçados a trazer nosso olhar de volta à Gaia sublunar, tão ativamente modificada pela ação humana que ingressou em um novo período, que os geólogos-feitos-filósofos propõem chamar de Antropoceno”. Para além disso, ele ainda propõe uma imersão neste termo, com uma fuga do que está alicerçada em vias reducionistas da ciência, afim de transformar a inércia do conhecimento e da política, que se instaurou desde os primórdios da modernidade (LATOURE, 2014). Para o autor, as definições mais usuais refletem um panorama instável, só a queda de muros da interdisciplinaridade pode trazer o despertar.

Esse despertar é importante para elucidarmos o quão somos responsáveis pelos fenômenos e processos que se desdobram no planeta Terra. Latour (2014) fomenta essa ideia afirmando que o negacionismo das nossas intervenções paralisa a política no Antropoceno. Neste texto, Latour traz exemplificações referentes às mudanças climáticas e ações poluidoras. No entanto, ele traz mais exemplos em uma de suas obras atuais “Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno” (LATOURE, 2020a):

A coisa não para toda manhã começa tudo de novo. Um dia é o aumento do nível da água; outro, a erosão do solo; à noite, o derretimento acelerado das geleiras. No jornal das oito, entre dois relatos de crimes de guerra, somos informados de que milhares de espécies estão prestes a desaparecer antes mesmo de terem sido devidamente identificadas. Todo mês as medições de CO² na atmosfera se mostram ainda mais piores do que as estatísticas de desemprego. Todo ano nos dizem que este é o mais quente desde que as estações meteorológicas iniciaram as medições. O nível dos mares só faz subir e o litoral está cada vez mais ameaçado pelas tempestades de primavera. Cada campanha de medição do oceano o encontra ainda mais



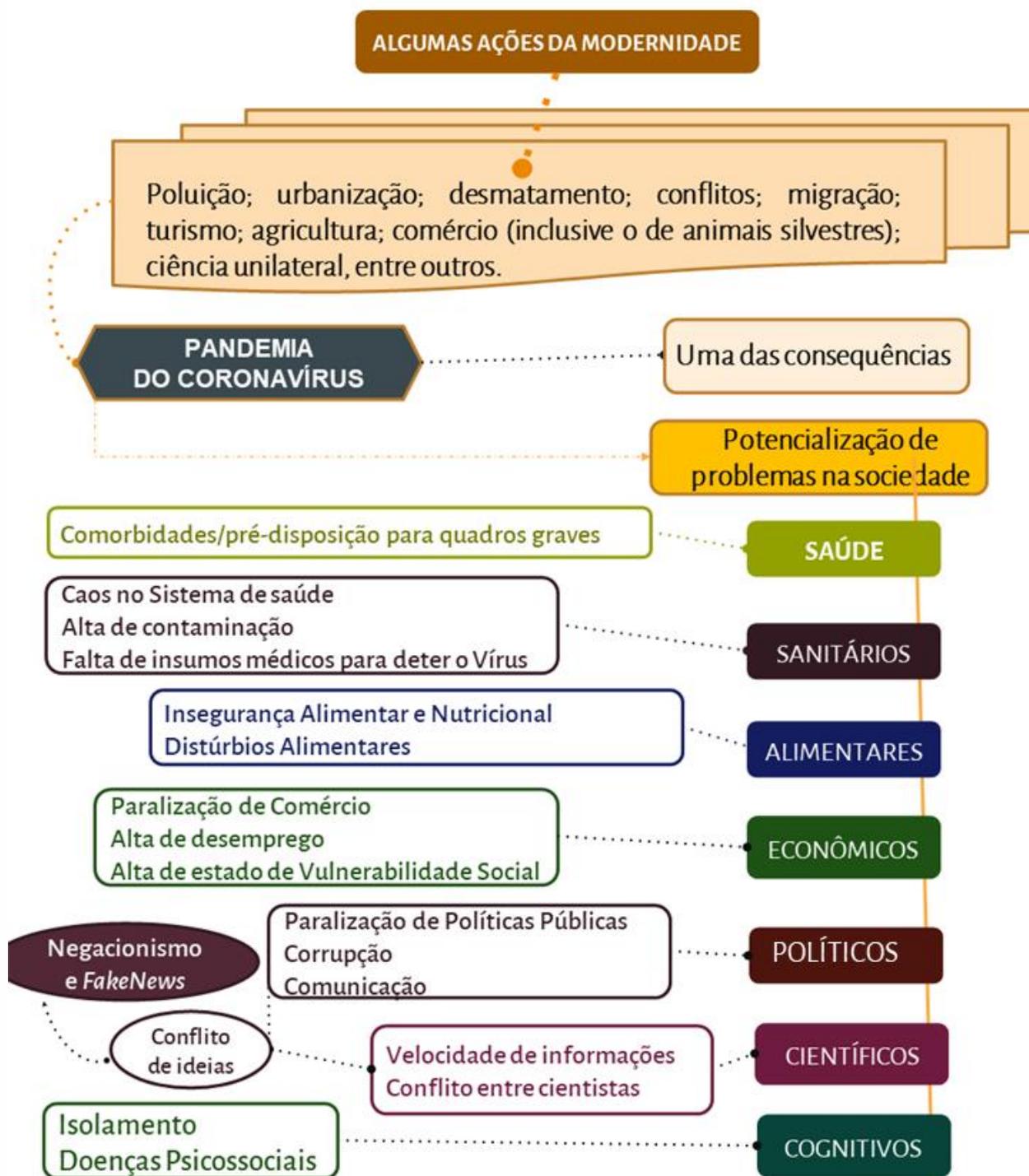
ácido. É o que os jornais chamam de viver na época de uma "crise ecológica" (LATOURE, 2020a, np.)

Haraway (2016, p.140) contribui com reflexões, alertando-nos, “o antropoceno marca discontinuidades graves; o que vem depois não será como o que veio antes”. Tais escritas são mais atuais do que nunca, pois se estendem até este momento de crise sanitária também (somente sanitária?). Sabe-se que não é apenas uma questão de saúde, uma vez que a situação possui outros diversos pesos que ecoaram e ecoam nas relações entre os coletivos do Planeta Terra. Esse caos que estamos vivendo não pode ser chamado apenas de epidemia nem pandemia, pois, seu início-meio ‘vai lá saber do fim’, agregam uma série de associações que nos levam a designar o predicado “sindemia”.

Em poucas palavras e com sentido robusto, Lolas Stepke (2020, p.1) define esse termo em “*una interacción entre agentes causales, procesos sociales, estados patológicos, que llevan a una patoplastía compleja*”, ou seja, é uma interação entre agentes causais, processos sociais e estados patológicos, modificando, de forma multifacetada e complexa, a cadeia dos fluxos. As nossas condutas possuem uma sinergia viscosa para com as relações multidimensionais, desembocando em diversas condições, como por exemplo, essa exposição à COVID-19, que estamos vivenciando. Para uma melhor compreensão dessa explosão sindêmica, tem-se na figura 1, uma ilustração dos possíveis processos dinâmicos que nos trouxeram até aqui.



Figura 1 – Representação do atual cenário sindêmico.



Fonte: Autores (2022)

Podemos observar na ilustração as diversas interações que nos fazem refletir sobre o estado atual dos coletivos sociedade-natureza. Ainda está sob investigação o início concreto de todo o colapso, mas as suposições estão todas ligadas às atitudes modernas. A “sindemia da COVID-19”



é colocada como uma das consequências, contudo podemos afirmar que esta representa um grão de areia de uma praia, dentre diversas.

Destarte, como o enfoque desse manuscrito trata deste aspecto, exploramos sucintamente suas reverberações. Os problemas que os coletivos já enfrentavam foram amplificados: caos no sistema de saúde mundial, falta de insumos médicos – pela alta demanda e/ou pelo sucateamento de hospitais em países pobres; declínio na Soberania e Insegurança Alimentar e Nutricional (SSAN) – com consumos de alimentos ultraprocessados (industrializados) por falta de opção ou pela praticidade, causando prejuízos à imunidade física, entre outros motivos; a paralização do comércio, influenciando na quebra de cadeias curtas (que poderiam engajar alimentos nutritivos, por exemplo), aumento à exposição de vulnerabilidade social e altas no desemprego.

Alguns países sofreram com a paralização de importantes políticas públicas, bem como a corrupção e dificuldades na comunicação com seus representantes; a ciência também está passando por muitos desafios, dentre eles, a velocidade de atualização de informações e a geração de conflito entre os pares. Ademais, há a intensificação de confronto de ideias entre a política e a ciência, gerando uma onda de *Fake News* e negacionismo. Outro ponto importante para citarmos são os problemas cognitivos que a sindemia trouxe, o isolamento social e as incertezas levaram o aumento de casos de doenças psicossociais. Latour (2014) afirma que há controvérsias que movimentam as redes, e há o negacionismo que é um elemento importante no debate atual.

Estudos de Da Silva e Dameda (2021) apontam que a crise potencializou, por exemplo, controvérsias em torno dos protocolos de saúde e dos discursos de nossos representantes governistas. Os autores chamam de um processo dos (des)encontro entre ciência e política. Estudos internacionais, indicaram que houve uma sobrecarga de informação, desde o início desta sindemia, acompanhada por notícias fabricadas e fraudulentas, algumas vezes, disseminadas pelos próprios governos (ROCHA et al., 2021; NAEEM et al., 2021).

Poderíamos escrever várias páginas citando e discutindo todos os aspectos apontados na Figura 1. Todavia, necessitaríamos de muito mais espaço do que as que contemplam esse artigo. As variadas associações demonstradas, apontam que, para resolvermos tais problemas, não podemos agir pontualmente, apenas. A sindemia COVID-19 é sistêmica, é uma resposta biológica das nossas práticas modernas e egoístas.

Quando Haraway (2016) comenta sobre a atuação das “bactérias e seus parentes” atuantes como terratransformadores e reformadores planetários, ela sugere que há uma infinidade de interações – podemos associar às relações de sujeito-objeto de Haraway (2016). A autora assevera



que estes serem podem ter suas dinâmicas alteradas por pessoas, práticas e tecnologias. Ou seja, não devemos enxergar nenhuma interação de forma isolada e pontual, ou, ainda, entender problemas ambientais como se fossem circunstâncias involuntárias e imprevisíveis, bem como sem prevenção. Latour (1994) pontua que tais relações não podem ser segmentadas, elas seguem um determinado fluxo por conta das ações tidas da rede, portanto, objetos ganham novos moldes a partir das ações do humano. A partir dessa consciência, Haraway (2016, p.139) assevera que:

Trata-se de mais do que “mudanças climáticas”; trata-se também da enorme carga de produtos químicos tóxicos, de mineração, de esgotamento de lagos e rios, sob e acima do solo, de simplificação de ecossistemas, de grandes genocídios de pessoas e outros seres etc., em padrões sistemicamente ligados que podem gerar repetidos e devastadores colapsos do sistema (HARAWAY, 2016, p.139).

Para além da teoria, estudos que demonstrem a comprovação do colapso sindêmico, são de extrema importância, o que ainda são poucos nesses dois anos de imersão na sindemia. Para corroborar, citamos um estudo realizado no Nepal, no qual foram analisadas ações emergenciais para amenizar os efeitos da sindemia, focalizando nas reverberações do coronavírus-19 direcionados à SSAN e à vulnerabilidade social. Os resultados obtidos mostraram que as populações urbanas periféricas, que já se encontravam em estado de vulnerabilidade, tiveram uma intensificação no estado de calamidade alimentar, pois são humanos dependentes de uma alimentação com base em ultraprocessados. Os autores enfatizam que a agricultura industrial, de cultivos simplificados (monocultivos), não tiveram alcance suficiente para sustentar a SSAN do país, potencializando apenas fragilidades nas questões de SAN, especialmente, para os que já se encontravam em vulnerabilidade social (ADHIKARI et al., 2020). Este estudo demonstra que o problema é sistêmico e com muitas ramificações em suas associações, fomentando a ideia que o pensar cartesiano é insuficiente para resolução de problemas complexos.

E, assim, diante das reflexões, urge indagarmo-nos: Como mudaremos esse quadro? Quais as lições que podemos tirar desse momento que exige urgência na autorreflexão, bem como na prudência das formas sobre como agimos em relação aos mais variados objetos e seus coletivos? No próximo tópico, tentaremos projetar possíveis caminhos que podemos seguir para tal, orientado pelo desvio da modernidade.



GIRO EPISTÊMICO: UMA FUGA DA ENUNCIÇÃO DA MODERNIDADE

Não fugiremos de uma breve abordagem sobre a modernidade, para, assim, compreendermos melhor o porquê da fuga como um passo essencial para a superação sindêmica. O fato é que quando caminhamos por vias epistêmicas de caráter puramente racionais no sentido moderno que, por vias epistêmicas da racionalidade instrumental moderna, incutiram-nos, desde a infância, temos uma noção ‘pseudo-atraente’ sobre a modernidade. Somos herdeiros desse caminho de construção de conhecimento, bem como os processos de colonização, invasão de países e povos, com os epistemicídios.

Latour (1994), em seu livro intitulado “Jamais fomos modernos”, questiona-nos em relação a essa percepção. Ademais, o autor afirma que o mundo moderno jamais existiu, uma vez que nunca funcionou de acordo com as regras da sua constituição, separando as três regiões do Ser. Por que será que quando falamos de modernidade os seres humanos vinculam esta palavra ao avanço? Ao progresso? Ao aperfeiçoamento? Aos ganhadores? Somos realmente superiores? Se somos, por que chegamos até aqui? Neste Caos.

Dussel (2005, p.60) afirma que um dos conceitos que estão impregnados por esse viés é concepção sobre a modernidade como uma saída, “eurocêntrica, provinciana e regional”, uma percepção que induz à libertação “da imaturidade, por um esforço da razão como processo crítico, que proporciona à humanidade um novo desenvolvimento do ser humano”.

Para melhor fazermos associações e penetrarmos nas reflexões, é de extrema necessidade que possamos perpassar, de forma fugaz, por eventos históricos que desenharam projetos modernos. De onde iniciou a modernidade? Para isso, há processos importantes a serem lembrados, tais como: o Iluminismo; a Reforma Protestante; as Revoluções Burguesas, a Revolução Industrial, e tantas revoluções científicas e modernas, impondo seus paradigmas.

Dussel (2008) critica o cartesianismo e a superioridade intelectual que dele provém – que coloca em um pedestal supremo os povos europeus e seus derivados (cultura, conhecimento, etc.). O autor destaca que a arrogante e idolatrada pretensão de divindade da filosofia cartesiana vem da perspectiva de alguém que se pensa como centro do mundo porque já o conquistou. A modernidade transcende de forma devastadora, pautada em uma “razão eurocêntrica, violenta, desenvolvimentista e hegemônica” (DUSSEL, 2005, p.62).

Tal estrutura tem servido não apenas para envelopar a humanidade e a condição humana em ideias lineares de civilização e progresso, mas



também enlaçar a modernidade na sua base: a colonialidade, isto é, uma fonte global de poder que classificou hierarquicamente populações, seu conhecimento e seus sistemas de vida cosmológica, de acordo com o padrão europeu (WALSH, 2010, p.1).

A partir dessa breve abordagem, podemos nos desprender das ciladas modernas para fluirmos no debate. Tendo em nossa direção o desprendimento do que parecia ser único e inquestionável para voarmos em orientação às quebras de paradigmas racionais, cartesianos, segmentadores, eurocêntricos.

É necessário cortar tais correntes para transcender a hegemonia. Em consonância a isso, Haraway (2016, p.141) afirma que nós, “pessoas humanas em todos os lugares, devemos abordar as urgências sistêmicas intensas”. Além disso, não podemos relegar a ideia que a "relação com o mundo" evidencia a alienação humana, desprendendo-se da holisticidade natural (LATOUR, 2020a).

Por isso, partiremos desses pontos para construirmos esse giro epistêmico, para elencar formas de fugir das crises que a modernidade nos “presenteou”. O que seria esse giro? Ballestrin (2013, p.105) descreve sucintamente esse termo como “movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade”. A partir desse contexto, fixemos, aqui, não como ideia, mas como certeza sobre o ser humano pertencer à natureza, ‘(des)cartesiando’ o cânone do pensamento colonial. Recordamos que essa segmentação mais nos enfraquece do que nos condiciona à elevação intelectual.

Latour (2020) afirma que esse retorno do humano pertencente à natureza causa pânico nos modernos, uma vez que se subentende que é uma volta à postura animalesca. Achamos, pois, que somos, acima de tudo, seres culturais. No entanto, antes de sermos seres culturais, somos seres naturais. Por onde devemos começar, para tirarmos essa casca de superioridade?

Um passo importante é sair de nossas capsulas coloniais. Destaca-se aqui, que essa “Colonialidade’ equivale a uma “matriz ou padrão colonial de poder”, o qual ou a qual é um complexo de relações que se esconde detrás da retórica da modernidade (o relato da salvação, progresso e felicidade) que justifica a violência da colonialidade” (MIGNOLO, 2017, p.13). O autor ainda pontua que descolonizar é um ato de liberdade das falácias de um desenvolvimento ascendente e cheio de sucessos, tão reproduzidos pela modernidade.

Ainda, Mignolo (2017) enfatiza que descolonizar é um caminho para reflexão e consciência, que contribui para desvincular-se das “cronologias construídas pelas novas epistemes



ou paradigmas (moderno, pós-moderno, entre outros.)” (MIGNOLO, 2017, p.15). Este crítico ainda afirma que é fundamental nos colocarmos “em interrogação a enunciação (quando, por quê, onde, para quê)” dos mais diversos problemas que nos encaminham às crises, pois, somente assim, poderemos conhecer, criar e transformar, não repetindo falhas, trazendo novas perspectivas para construir futuros pluriversais com o sentido de que “outro mundo é possível”.

Pode parecer que nossas tergiversações estejam desconexas em relação à sindemia, contudo estão direta e indiretamente interligadas, pois, ao considerarmos as multiplicidades, alternativas, de exercer papéis, de produzir, de viver, ajuda-nos a trazer a forma mais orgânica das interações entre coletivos. Porto-Gonçalves (2010) se debruça sobre essa reflexão, afirmando que existe a indispensabilidade de desconstruir o caráter unidirecional eurocêntrico/moderno, e admitir “as diferentes matrizes de racionalidade constituídas a partir de diferentes lugares” (PORTO-GONÇALVES, 2010, p.38). O autor critica a ideia de “um e somente um pensamento universal”.

Porto-Gonçalves (2010) traz esse discurso potencializando a emancipação, enfatizando a importância em falarmos a partir de outros lugares de enunciação, no nosso caso, o da América-Latina. O autor recorre pela voz que valorize o lugar, o direito às diferenças, o que traduz a compreensão das relações entre as dimensões cultural, social, econômica e política e busca por novas epistemes entre os protagonistas que estão impulsionando processos instituintes de novos moldes.

Essa fratura entre a modernidade provinda de um mundo colonial, como uma forma de descolonizar, tem relações com a transmodernidade. Dussel (2001), por exemplo, propõe o transcender a versão eurocêntrica da modernidade. Quando agimos em busca da emancipação em outro lugar, estamos partindo daquilo que Mignolo (2003) intitulou de “pensamento fronteiro”:

O pensamento fronteiro, desde a perspectiva da subalternidade colonial, é um pensamento que não pode ignorar o pensamento da modernidade, mas que não pode tampouco subjugar-se a ele, ainda que tal pensamento moderno seja de esquerda ou progressista. O pensamento fronteiro é o pensamento que afirma o espaço de onde o pensamento foi negado pelo pensamento da modernidade, de esquerda ou de direita (MIGNOLO, 2003, p. 52).

Balestrin (2017, p.108) sintetiza o significado de perspectiva de decolonial, asseverando que esse é “um diagnóstico e um prognóstico afastado e não reivindicado pelo *mainstream* do pós-colonialismo, envolvendo diversas dimensões relacionadas com a colonialidade do ser, saber e

poder”. A autora afirma que essa nova direção nos leva a panoramas que ajudam o pensamento da libertação humana, em consonância com a produção de conhecimento.

Outra forma de descentralizar o que é progresso para a modernidade, é a necessidade de uma teoria que neutralize a minimização da grande importância ao “global”, para que, assim, sejam mais centralizadas as estratégias de desenvolvimento que não sejam transgressoras, dando ênfase nos lugares sem perder a dimensão do global, ou seja pluriversal (ESCOBAR, 2005a). Escobar (2005a) afirma que essa relação entre o lugar, a cultura e a natureza, auxilia no fortalecimento da biodiversidade (quem tem papel funcional no equilíbrio do meio ambiente), dizendo que a sustentabilidade só é possível com diversidade ambiental e cultural.

Para além disso, Escobar (2005b) também infere que se deve desfragmentar a ideia da natureza como mercadoria. E, por essa razão, devemos exercitar o descolamento com a modernidade/colonialidade. E o que isso nos ajudaria nos próximos passos, no que tange a atual circunstância? Descolonizar é uma forma de luta contra sistemas hegemônicos, ato extremamente essencial para uma harmonia maior entre os coletivos sociedade-natureza, evitando a proliferação de novas doenças a partir das nossas ações invasivas, que provocam desequilíbrios nos ecossistemas, respingando em outras problemáticas que já carregamos de herança da modernidade.

Por exemplo, sabe-se que as interações dos coletivos de humanos e não humanos podem nos expor a uma série de perigos, como a proliferação de patógenos potenciais. Isso se dá por conta das formas como essa relação é exercida, como a homogeneização de sistemas produtivos, as queimadas, o desmatamento, a caça, entre outros. Se não houver respeito para que se pense em manejos que desempenhem funções de preservação da integridade dos ecossistemas, apoiados em cuidar das diversidades de não humanos presentes nos sistemas, continuaremos a andar nessa corda bamba que pode amplificar nossas atuais problemáticas.

Em ecossistemas não deteriorados por seres humanos, todos os sistemas biológicos têm uma capacidade inerente de resiliência e adaptação. Entretanto, o ritmo de devastação, que a modernidade exige para a produção de riquezas, pode avançar em níveis que a resiliência natural não dê conta. Para isso, a manutenção da biodiversidade nos protege, direta e indiretamente, dos riscos de endemias, visto que a alta biodiversidade de hospedeiros naturais dissolve o contato de doença e, conseqüentemente, dos riscos.

Para Campiño e Espinosa (2020), deve-se pensar em uma reestruturação de orientação e conscientização ambiental para os coletivos humanos, enxergando nesses debates a possibilidade de autorreflexão para com os coletivos de humanos e não humanos. Os autores tratam a sugestão



como uma “nova educação ambiental” pautada em uma ecologia integradora, que deve ser inserida ao conhecimento base para que se atenuassem eventos como desmatamento, queimadas, contaminação do patrimônio da água e do solo, injustiça social, entre outras.

Precisamos nos relacionar com a nossa intimidade natural, colocarmo-nos em lugares na rede de associações, ultrapassarmos o senso comum sobre as coisas se resolverem em algum momento. Investigando por fatos, recentemente, foi publicado o relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (2021), no qual se aponta evidências irrefutáveis: as emissões de gases de combustíveis fósseis, bem como o desmatamento estão sufocando o planeta, expondo os humanos e não humanos à riscos limites (Antropoceno). A sinalização sobre estarmos em um colapso, apontam danos irreversíveis que afetam oceanos; acentuação nas ondas de calor terrestre e nos mares será acompanhada por acidificação e baixos níveis de CO².

E, no caso do que estamos vivenciando, Latour (2020b) afirma que o COVID-19 é apenas um elo em uma cadeia. O autor sustenta esse argumento afirmando que o estado de pandemia não é só mais um fenômeno "natural". Trata-se, pois, de um processo iniciado por nós mesmos, assim como a fome do passado ou a crise climática atual. A sociedade moderna não se adapta aos estreitos limites do social (LATOUR, 2020b). Por isso, devemos pensar holisticamente, agirmos considerando as especificidades locais, considerarmos a relação dos coletivos com o lugar. Para Latour (2020a), isso é inerente à noção real de natureza, dentro das suas multiplicidades, evitando nos desligar do que realmente somos - parte dela. Por isso, sugere que consideremos Gaia como ser vivo e complexo, pensando nela como uma oportunidade de um retorno ao nosso lugar, admitindo no conter de nossas relações para com os coletivos uma versão distinta das do uso das ciências, das políticas, das crenças, dos significados, traduzidas em sentidos verdadeiros de suas vocações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao entrelaçar questões que discutem sobre a sindemia da doença COVID-19, havendo um tecer das inter-relações dos coletivos sociedade-natureza, a partir de um esforço, mediado por diálogo interdisciplinar, pensamos ter atingido o objetivo geral. O texto abordou alguns pontos que constituem essas considerações, tais como a compreensão sobre a necessidade de se enxergar a igualdade de importância entre todos os envolvidos nas associações dos processos globais. Pois, enquanto o homem se desprende da natureza com superioridade, não será esta sindemia, tão devastadora, que fará ele se encontrar como elemento pertencente à natureza, percebendo que



todos os papéis são importantes e que não existe novos moldes sem ação. Para evitarmos outros colapsos, sindêmicos ou não (podendo ser reverberações de outras causas sem ser um patógeno), devemos mudar nossas direções como sujeitos, para compreendermos o funcionamento holístico do planeta - das nossas ações e seus efeitos - o mínimo possível, para criamos prudência e paralisarmos essa linha de autodestruição.

É essencial que haja diálogo consciente entre ciência e política para que seja suprimida a noção de que são antagônicas, pois, para o bem dos coletivos os seus funcionamentos, deve acontecer como um mutualismo, desviando-se de interesses egoístas, banhados em oceanos da “modernidade”. Descolonizar é fundamental para criar um globo mais resiliente, com relações que superem sujeito-objeto para coletivos mais orgânicos, admitindo as diversas formas de ser, fazer, construir, produzir. É preciso, pois, descolar-se de cápsulas hegemônicas do desenvolvimento, entendendo-nos como parte da natureza de do lugar.

Em suma, o momento que estamos vivenciando potencializa alertas que a biosfera já estava sinalizando. Por isso, devemos pensar em soluções a longo prazo, apostar em pesquisas interdisciplinares que visem a sistematização holística e local, para evitar endemias – para além – evitar que estas venham a se proliferar e a instalar colapsos sindêmicos.

A disseminação e colapso que a doença da COVID-19 nos trouxe, ensina-nos várias lições, e uma delas refere-se à reflexão proposta nesse trabalho é que a riqueza produzida pela modernidade está nos afundando, em vez de nos salvar. E não importa raça, cultura, idioma, gênero, território, religião, condição social, cosmovisão, entre outros. A sindemia da COVID-19 só nos comprova que somos parte da natureza e podemos sofrer todas as revoltas de Gaia (ser vivo e complexo), por conta de tudo o que já lhe causamos.

Um ponto a mais nessa reflexão: a sindemia entorno da COVID-19, é apenas um exemplo. Por isso, a humanidade não deve retornar a seus hábitos agravadores de desequilíbrios, pensando que essa fase “passou” e está tudo normal. Precisamos tirar lições diante do caos que causamos, se não o mesmo pode ter sido em vão, reverberando em outras sindemias catastróficas.

REFERÊNCIAS

ADHIKARI, Jagannath, et al. COVID-19 impacts on agriculture and food systems in Nepal: Implications for SDGs. *Agricultural Systems*, p. 102990, 2020.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista brasileira de ciência política*, p. 89-117, 2013.



BERTAGNOLLI, Gissele Leal. Da colonialidade à descolonialidade: diálogos de ciências a partir de uma “epistemologia do sul”-uma análise de comunidades quilombolas. *Revista Grifos*, v. 24, n. 38/39, p. 231-241, 2015.

CAMPIÑO, Iván Darío Loaiza; ESPINOSA, Gloria Marcela Flórez. Dinâmica ecológica de las pandemias. *Revista Sergipana De Educação Ambiental*, v. 7, n. Especial, p. 1-17, 2020.

CORONA, Hieda Maria Pagliosa; DE MELLO, Nilvania Aparecida; RE K, Marcos. A crise ambiental e as alternativas à sustentabilidade na gestão pública. *Revista Juridica*, v. 4, n. 66, p. 549-566, 2021.

DA SILVA, Lucas Guerra; DAMEDA, Cristiane. (Des)encontros entre a covid-19 e o estado: implicações protocolares e políticas de gênero. *Revista Grifos*, v. 31, n. 55, p. 79-100, 2022.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. Martins Fontes, São Paulo, 2001.

DUSSEL, Enrique. *Meditações anti-cartesianas: sobre a origem do anti-discurso filosófico da modernidade*. Tabula Rasa. Bogotá - Colombia, No.9: 153-197, julio-diciembre 2008.

DUSSEL, Enrique. *Europa, modernidade e eurocentrismo*. En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.55-70.

DUSSEL, Enrique. *Hacia una filosofía política crítica*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2001.

ESCOBAR, Arturo. *Depois da Natureza. Passos para uma Ecologia Política Antiessencialista*. Políticas Públicas Ambientais Latino-Americanas, FLACSO Brasil/Abaré, Brasília, 2005b.

ESCOBAR, Arturo. *O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?* In: LANDER, E. (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Colección Sur Sur, CLACSO. 2005a. pp. 133-168.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, capitaloceno, plantationoceno, chthuluceno: fazendo parentes. *Clima Com Cultura Científica*, v. 3, n. 5, p. 139-146, 2016.

IPPC. Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas. 2021. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/08/1759272> Acesso em: 10/08/2021.

LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. Ubu Editora, 2020a.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno. La crise sanitaire incite a se préparer a la mutation climatique». *Le Monde*, v. 25, 2020b.

LATOUR, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. *Revista de Antropologia*, v. 57, n. 1, p. 11-31, 2014.

LOLAS STEPKE, Fernando. Perspectivas bioéticas en un mundo en sindemia. *Acta bioethica*, v. 26, n. 1, p. 7-8, 2020.



MELO, Ricardo Henrique Vieira de; AMORIM, Karla Patrícia Cardoso. Ageism, covidical syndemic and Intervention Bioethics: an interdisciplinary concreteness. *Saúde em Debate*, v. 46, p. 518-533, 2022.

MIGNOLO, Walter D. *Historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Ediciones Akal, 2003.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. *Revista Epistemologias do Sul*, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.

NAEEM, Salman Bin; BHATTI, Rubina; KHAN, Aqsa. An exploration of how fake news is taking over social media and putting public health at risk. *Health Information & Libraries Journal*, v. 38, n. 2, p. 143-149, 2021.

PORTO-GONÇALVES, Carlos. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência Latino-Americano. *GEOgraphia*. v.08, p. 37-51, 2010.

RAYNAUT, Claude. Atrás das noções de meio ambiente e de desenvolvimento sustentável: questionando algumas representações sociais. *Curitiba, Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento MADE/UFPR*, 2006.

ROCHA, Yasmim Mendes et al. The impact of fake news on social media and its influence on health during the COVID-19 pandemic: A systematic review. *Journal of Public Health*, p. 1-10, 2021.

SINGER, Merrill et al. Syndemics and the biosocial conception of health. *The Lancet*, v. 389, n. 10072, p. 941-950, 2017.

WALSH, Catherine. Desenvolvimento como buen vivir: arranjos institucionais e laços (des) coloniais. *Revista Nuevaamérica*, v. 126, p. 27-31, 2010.

